

Sobre pizzas e vacas



» JAIME PINSKY
Historiador e escritor,
professor titular aposentado
da Unicap

Fim de ano é aquele período em que a roupa começa a encolher, dizia minha mãe, rindo de suas amigas ao ouvi-las reclamar que não era justo existir um mês em que se come muito (dezembro), seguido de outro (janeiro, férias escolares) em que se coloca roupa de banho e os quilos adquiridos se revelam de modo inequívoco. Comer é uma atividade social que vai muito além de saciar o apetite e tem provocado observações nem sempre sólidas sobre o caráter dos povos. A cultura da pizza, comida encarregada de resolver o problema de grande parte dos habitantes deste planeta, é um exemplo de como uma generalização superficial pode estar equivocada. Claro, pois a pizza, ao que tudo indica, não é a melhor representação gastronômica da Itália, mesmo porque sua origem está na Índia ou no Oriente Médio, já que é nessas regiões do planeta em que o pão tem esse formato, redondo e chato, provável inspiração dos inventores da pizza.

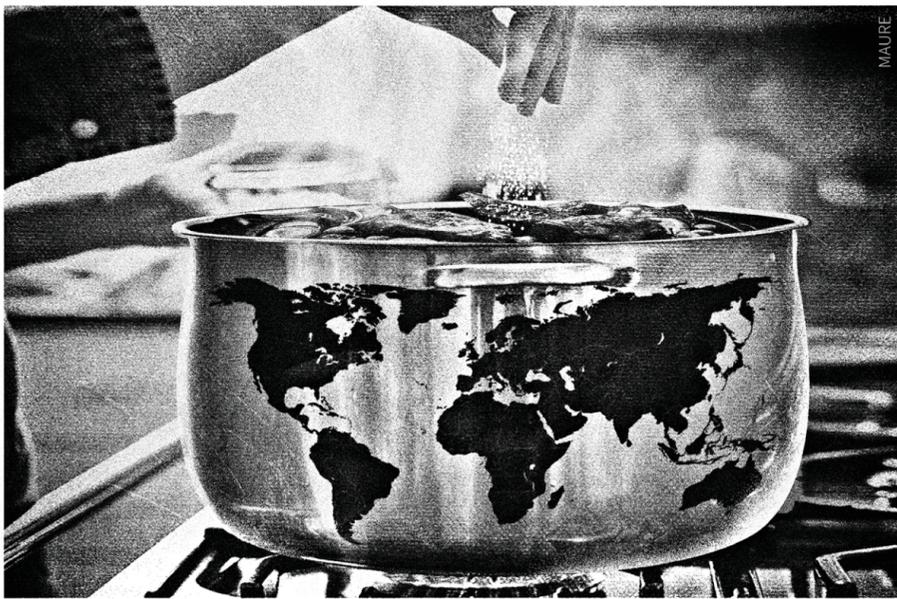
O mais fascinante, contudo, é a hipótese de um sociólogo brasileiro, já falecido, Gabriel Bolaffi, para o qual a pizza era um produto consumido apenas no sul da península, e sua

expansão pela Itália toda teve a ver com a invasão dos americanos durante a Segunda Guerra Mundial. Os soldados ianques, à medida que avançavam para o norte, solicitavam aqueles discos práticos e saborosos, mas que não eram produzidos em outras regiões. Como os soldados tinham apetite, dólares e armas, donos de bares e pequenos restaurantes trataram de preparar as próprias pizzas, para alegria dos americanos. Assim, graças aos soldados estrangeiros, a pizza deixou de ser uma comida regional e tornou-se um verdadeiro símbolo nacional. Com a volta dos exércitos vencedores ao continente americano, a pizza tornou-se uma necessidade gastronômica também nos Estados Unidos, devidamente adaptada ao duvidoso gosto dos “gringos”, que a devoram em pé, na rua, sem o uso de talheres, acompanhada de refrigerante em vez de vinho e preparada com queijo com sabor de plástico... Mas, de qualquer forma, baseada naquela encontrada pelos soldados em solo italiano.

O fato é que “comidas típicas” não são tão típicas assim, mas, por se apresentarem como tal, representam com dignidade, maior ou menor, seus supostos criadores. As famosas alheiras portuguesas, por exemplo, foram criadas por necessidade, não por prazer, alegria ou fome. Conta-se que o governo português, aliado da Igreja, desconfiava das pessoas que não comiam linguça — provável indício de que mantinham clandestinamente práticas judaicas ou muçulmanas. Portugal, é importante ressaltar, estava preocupado em fazer uma espécie de “limpeza religiosa”,

acabando com resquícios não cristãos na sua população (século 16). E o governo morria de medo de avanços econômicos que pudessem ameaçar a estrutura de poder arcaica existente. Os judeus consumiam as alheiras e ostentavam fileiras de carne de aves e legumes temperados com alho para mostrar sua suposta adesão ao cristianismo quando, na verdade, não passavam de cristãos novos mal resolvidos, que tinham nojo da carne de porco, mas fingiam comê-la para não serem executados nas fogueiras da Inquisição e do retrógrado governo lusitano após terríveis torturas. Assim teria surgido essa linguça sem carne de porco...

Vindo para o nosso continente, vale a pena recordar a história que o jornalista Ariel Palacios nos conta sobre a carne de vaca, símbolo gastronômico dos nossos vizinhos, em seu delicioso livro *Os argentinos*. Para início de conversa, Ariel nos lembra que a vaca não é argentina, nem sequer americana, mas foi trazida para a Argentina, via Brasil, várias décadas após a chegada de Cabral. Durante anos, os bovinos passearam sossegados entre os Andes e o Atlântico, sem que suas virtudes alimentícias fossem percebidas. Só então a vaca se tornaria um verdadeiro símbolo nacional. Segundo Palacios, os argentinos estão dispostos até a discutir se Pelé foi melhor do que Maradona, mas não admitem colocar em questão a superioridade de suas vacas. Para dizer a verdade, e que me perdoem os ótimos criadores que temos no Brasil, muitos brasileiros, como eu, concordam com eles.



Economia e política: tempestade perfeita no horizonte



» JOSÉ MATIAS-PEREIRA
Economista, advogado,
doutor em ciência política
pela Universidade
Complutense de Madrid
e pós-doutor em
administração pela
Universidade de São Paulo.

Professor e pesquisador sênior do Programa de Pós-Graduação em ciências contábeis da Universidade de Brasília (UnB)

A economia e a política estão intrinsecamente ligadas, pois decisões econômicas têm implicações políticas, e decisões políticas impactam a economia. As políticas fiscais e monetárias são frequentemente moldadas pelas prioridades políticas dos governos. A economia fornece os recursos e as ferramentas para a tomada de decisões racionais, enquanto a política determina as prioridades e as estratégias para a alocação desses recursos.

Quando os governantes atuam de forma irresponsável, em geral, motivados por ideologia, populismo econômico ou má gestão (incompetência), essas duas dimensões — política fiscal e política monetária — entram em desequilíbrio, provocando prejuízos no funcionamento da economia e afetando as empresas e o bem-estar das pessoas. Os efeitos desses desajustes refletem no campo da política.

Nas democracias parlamentaristas, diante da gravidade da crise, o primeiro-ministro tende a cair, e o país avança para novas eleições. Nas democracias presidencialistas, em última instância, desaguam no afastamento do presidente, assumindo o vice-presidente. O Brasil vivenciou esse cenário de desequilíbrio que levou ao impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff, em 31 de agosto de 2016.

Feitas essas considerações, formula-se a seguinte pergunta: O Brasil avança para vivenciar uma “tempestade perfeita” na economia e na política em 2025? Para respondê-la,

torna-se relevante avaliar o cenário econômico e político nos âmbitos internacional e nacional. Constata-se, no plano internacional, uma profunda desorganização do sistema econômico e político mundial em decorrência dos conflitos latentes nesses campos entre a China e os EUA e dos efeitos das medidas de isolamento da Rússia em decorrência da invasão da Ucrânia, notadamente, pelos EUA e países da União Europeia. Esse cenário se agravou em 2024 com a eclosão dos conflitos no Oriente Médio, entre Israel e o Hamas (Palestina), no qual se envolveram os países que apoiam os grupos terroristas existentes naquela região, com destaque para o Irã.

Vislumbra-se que, neste ano de 2025, com base nas medidas tarifárias delineadas na plataforma eleitoral do presidente eleito dos EUA Donald Trump, o mundo avance para um cenário de “guerra” tarifária no comércio mundial. É oportuno destacar que o nível de impacto dessas medidas econômicas e políticas irá variar em função das realidades econômicas e políticas de cada país e da profundidade das medidas de retaliações adotadas pelo governo norte-americano. A aproximação do governo brasileiro com o eixo de países governados por ditadores, que se opõem aos EUA, poderá colocar o Brasil na lista dos países que irão sofrer fortes retaliações tarifárias.

O pessimismo sobre a trajetória da economia brasileira, percebida por grande parcela da população nas pesquisas de opinião (em especial, pela elevação da inflação), também aumentou de forma acentuada por parte do mercado em decorrência de decisões dúbias por parte do governo, em especial sobre a falta de vontade política do governo de reduzir as despesas e controlar o crescimento da dívida pública. Nesse sentido, as críticas e desconfianças com a consistência da política econômica do governo Lula tem como foco central o crescimento acelerado da Dívida Bruta do Governo Geral (DBGG), calculada pelo Banco Central, ressaltando que esse indicador de endividamento é o mais utilizado pelos

economistas e analistas para avaliação da sustentabilidade das contas públicas.

A determinação de elevar os gastos de forma descontrolada exigiu que o governo aumentasse as receitas, o que fomentou o crescimento da arrecadação de 4% em 2023 a 12% até outubro de 2024. As despesas cresceram 12% em 2023, e 10% em 2024. A DBGG passou de 71,7% do PIB em dezembro de 2022 para 74,4% em dezembro de 2023 (R\$ 8,079 trilhões). Em 2024, estima-se que deverá alcançar 80%, o equivalente a R\$ 9,1 trilhões. A estimativa para a DBGG em 2025 é de 82,2% do PIB, e de 84,1% do PIB em 2026.

Recorde-se que, em substituição ao teto de gastos, o governo Lula formulou um novo arcabouço fiscal que permite que as despesas cresçam junto da arrecadação de impostos. O aumento elevado de receita, no entanto, foi acompanhado pelo crescimento significativo de despesas. Assim, o arcabouço foi perdendo credibilidade junto ao mercado com a mudança das metas de resultado das contas públicas para os anos seguintes. É oportuno recordar que, em abril de 2024, quando o FMI projetou o Brasil fechando o ano como a oitava maior economia, o dólar estava cotado a R\$ 5,18. No final do mesmo ano, a moeda fechou a R\$ 6,44. Estima-se que o PIB do Brasil em 2024 deverá alcançar US\$ 2,27 trilhões. Caso a desvalorização do real frente ao dólar continue aumentando, o Brasil está ameaçado de perder a sua posição entre as 10 maiores economias mundiais em 2025.

Diante desse cenário de incertezas, pode-se argumentar que o descontrolado das contas públicas e a perda de autonomia do Banco Central fomentarão a formação, no médio prazo, de uma tempestade perfeita que irá se abater sobre a economia brasileira, tendo como fator impulsionador a dominância fiscal. Pode-se afirmar, por fim, apoiado na estreita relação que existe entre economia e política, que o desempenho da economia será fator decisivo — num contexto em que esteja prevalecendo a democracia e a transparência no sistema eleitoral — para a escolha do próximo presidente da República, nas eleições de outubro de 2026.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960 (Circe Cunha (interina))



circecunha.df@dabr.com.br

Feliz 2025, de coração

Vistas por alienígenas do espaço sideral, nossas repetidas comemorações pela chegada do ano novo não fazem sentido algum. Afinal, o planeta completou apenas mais uma volta em torno de sua estrela, o Sol, como aliás, tem feito nestes últimos bilhões de anos. É toda uma mecânica celeste que parece funcionar com um complexo e delicado relógio suíço. O significado desse movimento de translação pode ser entendido tanto pelo cérebro quanto pelo coração. O tempo nos é caríssimo. Em ambos os sentidos. Em nossa mecânica orgânica, o coração é peça fundamental. Ele marca de fato o tempo.

A idade de cada um de nós é mais precisamente aferida quando verificamos um simples dado: a quantas horas nossa bomba hidráulica segue em funcionamento. Isso desde sua formação dentro do útero. Se o coração de uma pessoa normal tem um batimento cardíaco de, em média, 75 vezes por minuto, podemos dizer que um indivíduo de 20 anos tem, dentro do peito, um órgão que vem trabalhando a 175.316.400 horas. Ou uma peça que já produziu aproximadamente 788.923.800 trabalhos mecânicos de sístole e diástole, mantendo o corpo repleto de vida.

Neste ano, com nada de novo à frente, cuide de seu coração. Isso vale, inclusive, para aqueles que afirmam não possuir um. Além, de ser essa espécie de relógio a medir o nosso tempo, o coração é um órgão que parece ter vida própria, com um cérebro próprio, com neurônios que pensam. Os pesquisadores o chamam de minicérebro. Deram até nome técnico para ele: Sistema Nervoso Intrínseco Cardíaco (SNIC).

A medicina bioeletrônica sabe que o coração tem, ao seu redor, grupos organizados de neurônios, cada grupo com funções específicas e comuns, que é a saúde do sistema cardíaco. Deixando de lado os marcapassos, cada vez mais precisos e duradouros, o coração tem funções além da mecânica material, servindo de ponte entre o corpo e o espírito nele contido. A questão é simples e se resume a observar que sensações, sentimentos e pressentimentos de angústia, alegria e tantas outras experiências etéreas captadas ao nosso redor são impressas no coração, provocando sentimentos de aperto ou alegria.

O coração também é luz e habita nas esferas do mundo esotérico, sendo considerado um centro de energia vital e emocional do ser humano na espiritualidade. Nesse campo, os místicos dizem que é através do coração que entramos em contato com o divino, possibilitando experiências como paz interior e amor incondicional. Dizem eles que o chakra do coração, ou seja, a energia que emana do órgão, é responsável pelo poder emocional, pela esperança, confiança, entrega, aceitação, inspiração, com paixão e entrega a vida.

Teríamos, assim, um cérebro da razão e um cérebro da emoção no centro do peito. Talvez por isso, todas as malquerenças acabem sempre em expressões como: “Fulano não tem coração” ou “Tem um coração de pedra ou de gelo”. O endurecimento do coração é um dano ao sistema cardíaco. Dizem com razão que quem é alegre adoece menos e vive muitos anos. Por que seria? É fácil de entender quando se observa que a alegria não parte da cabeça, mas do peito. Por isso é que se acredita que as impressões do mundo ao nosso redor são feitas em parceria direta com o coração. Feliz 2025, de coração.

» A frase que foi pronunciada.

Devido à natureza política do cinema, a produção cinematográfica partidária, especialmente quando o assunto é próximo ao coração do cineasta, tende a ser a norma, e não a exceção.

Ben Edwards

Prata da casa

» Recebe o título de professor emérito pela Universidade de Brasília (UnB) Hary Schweizer, com solenidade marcada para amigos e admiradores em 8 de janeiro, às 17h, no auditório da Reitoria. A outorga foi idealizada pela reitora professora Rozana Reigota Neves.

Sem julgamentos

» Nas primeiras horas da manhã, era possível ver um carro estacionado junto às barracas improvisadas de pedintes no final da L2. Foto no blog do Ari Cunha.

» História de Brasília

Lavrou a sentença de morte, porque a ante sala do presidente da Novacap jamais foi lugar para negociação. Jamais alguém recebeu dinheiro da Novacap dando, por fora, cheque ao portador. E isto estava acontecendo. A reação era de se esperar, ante o escândalo que dominava. (Publicada em 25/4/1962)

Esta colunista entrará de férias e retornará ao espaço em fevereiro.